



Relatório de acompanhamento dos custos de produção SERINGUEIRA

Edição nº 04/2024

TUPÃ
Maio/2024

Em maio de 2024, heveicultores de Tupã e região se reuniram presencialmente para o levantamento dos custos de produção da borracha natural. A ação faz parte do projeto Campo Futuro, uma iniciativa da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), que conta com o apoio da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo (FAESP) e seus Sindicatos Rurais filiados.

Com o objetivo de determinar um custo médio representativo da região de Tupã, foi definida a propriedade modal, que reflete o perfil de propriedade mais comum na região. De acordo com os participantes do levantamento, a propriedade mais representativa possui 20 hectares em produção com heveicultura, com rendimento médio de 2.000 kg de coágulo por hectare ao ano. Toda a área de seringal é própria e o ciclo de produção desse seringal é de 35 anos, com a extração do coágulo se iniciando no oitavo ano, ou seja, 27 anos de produção efetiva. O preço médio de comercialização do coágulo na região de Tupã foi estabelecido em R\$ 2,60/kg (tabela 1).

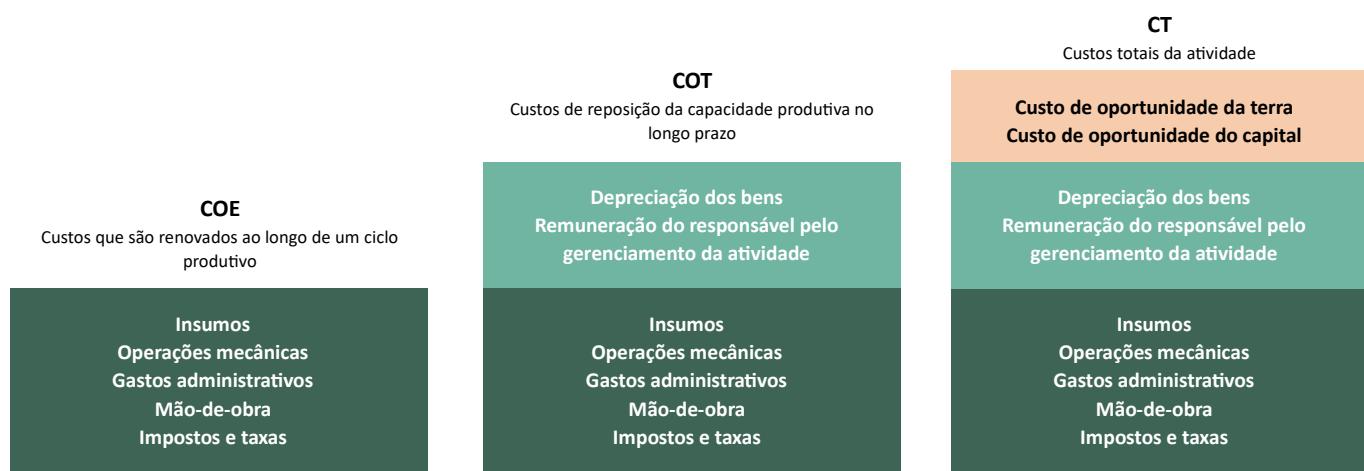
Tabela 1. Caracterização da propriedade modal com heveicultura na região de Tupã, em 2024.

Indicador	Unidade	Valor
Área em produção	hectare	20
Produtividade do coágulo	kg/hectare/ano	2.000
Ciclo de produção	anos	35
Preço médio do coágulo	R\$/kg	2,60

Fonte: CNA; FAESP. Elaboração: FAESP/Departamento Econômico.

Com relação à metodologia adotada, destaca-se que os custos levantados são divididos da seguinte maneira: i) Custo Operacional Efetivo (COE), que engloba os custos que são renovados ao longo de um ciclo produtivo (insumos, operações mecânicas, gastos administrativos, mão-de-obra, impostos, taxas e outros); ii) Custo Operacional Total (COT), que considera o COE e também a depreciação dos bens e a remuneração do responsável pelo gerenciamento da atividade, configurando-se os custos de reposição da capacidade produtiva no longo prazo; e iii) Custo Total (CT), que consolida o COT e os custos de oportunidade da terra e do capital (figura 01).

Figura 01. Composição dos custos de cada atividade produtiva levantada.



Preço > COE = Margem Bruta Positiva
Preço < COE = Margem Bruta Negativa

Preço > COT = Margem Líquida Positiva
Preço < COT = Margem Líquida Negativa

Preço > CT = Resultado Positivo (Lucro)
Preço < CT = Resultado Negativo (Prejuízo)

Fonte: CNA. Elaboração: FAESP/Departamento Econômico.

A partir dos custos, foram calculadas as margens brutas, as margens líquidas e o resultado final da atividade. A margem bruta é o preço de comercialização do produto menos os custos de renovação do ciclo produtivo (COE). Quando o preço de comercialização do produto é maior que o COE, a margem bruta é positiva; caso contrário, a margem bruta é negativa. Já a margem líquida é obtida pelo preço de comercialização menos o custo de reposição da capacidade produtiva no longo prazo (COT). Se o preço de venda do produto for maior que o COT, a margem líquida é positiva; no caso inverso, a margem líquida é negativa. Por fim, o resultado da atividade é dado pelo preço de comercialização menos o custo total da atividade (CT), tal que se o preço for maior que o CT, tem-se lucro, e se o preço for menor que o CT, a atividade está resultando em prejuízo (figura 1).

Quando a margem bruta resulta negativa, indica-se que a atividade não consegue cobrir seus custos operacionais imediatos, sinalizando dificuldades financeiras a curto prazo. Uma margem líquida negativa sugere que, além dos custos operacionais, a atividade não está gerando receita suficiente para manter sua capacidade produtiva a longo prazo, possivelmente levando à descapitalização do produtor. No entanto, esses indicadores também podem orientar ajustes na gestão e na produção, visando otimizar custos e melhorar a rentabilidade no médio e longo prazos, mantendo assim a sustentabilidade financeira da atividade.

Isto posto, a análise dos resultados obtidos demonstra que o retorno financeiro da heveicultura na região de Tupã não é suficiente nem para cobrir os custos renováveis do ciclo produtivo (COE), de R\$ 2,86/kg coágulo, resultando em uma margem bruta negativa de R\$ 0,26/kg coágulo. Os resultados tampouco possibilitam a cobertura dos custos de reposição da capacidade produtiva no longo prazo (COT), de R\$ 4,48/kg coágulo, tal que a margem líquida é negativa em R\$ 1,88/kg coágulo. Diante desse cenário, em que o custo total da atividade (CT) é de R\$ 7,68/kg coágulo, o resultado econômico reflete um prejuízo de R\$ 5,08/kg coágulo (tabela 2).

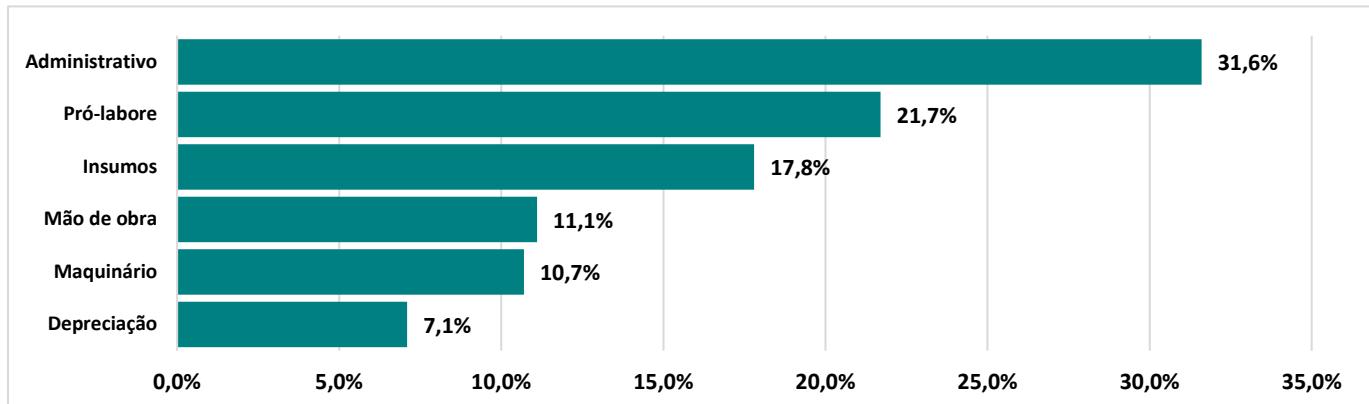
Tabela 2. Resultados econômicos da produção de borracha natural em Tupã/SP, em 2024.

Componentes do custo	Valor (R\$/ha)	Valor (R\$/kg)	Participação (%)
COE – Custo Operacional Efetivo	154.590,93	2,86	37,3%
Manutenção	54.317,61	1,01	13,1%
Extração de látex	23.712,00	0,44	5,7%
Administrativo	76.561,32	1,42	18,5%
COT – Custo Operacional Total	241.901,09	4,48	58,4%
COE	154.590,93	2,86	37,3%
Implantação do seringal	17.542,10	0,32	4,2%
Pré-plantio	2.350,40	0,04	0,6%
Plantio	10.324,09	0,19	2,5%
Pós-plantio	5.467,48	0,10	1,3%
Depreciações	17.268,07	0,32	4,2%
Pró-labore	52.500,00	0,97	12,7%
CT – Custo Total	414.485,44	7,68	100%
COT	241.901,09	4,48	58,4%
Remuneração da terra	87.500,00	1,62	21,1%
Remuneração do capital	85.084,35	1,58	20,5%
Receita bruta	140.400,00	2,60	-
Margem bruta	-14.190,93	-0,26	-
Margem líquida	-101.501,09	-1,88	-
Lucro/Prejuízo	-274.085,44	-5,08	-

Fonte: CNA. Elaboração: FAESP/Departamento Econômico.

Dos componentes do COT, os que mais influenciam no resultado são as despesas administrativas (que contemplam também a mão de obra da fazenda), pró-labore (remuneração do administrador da atividade) e insumos, com participações de 31,6%, 21,7% e 17,8%, respectivamente, no custo operacional total (figura 2).

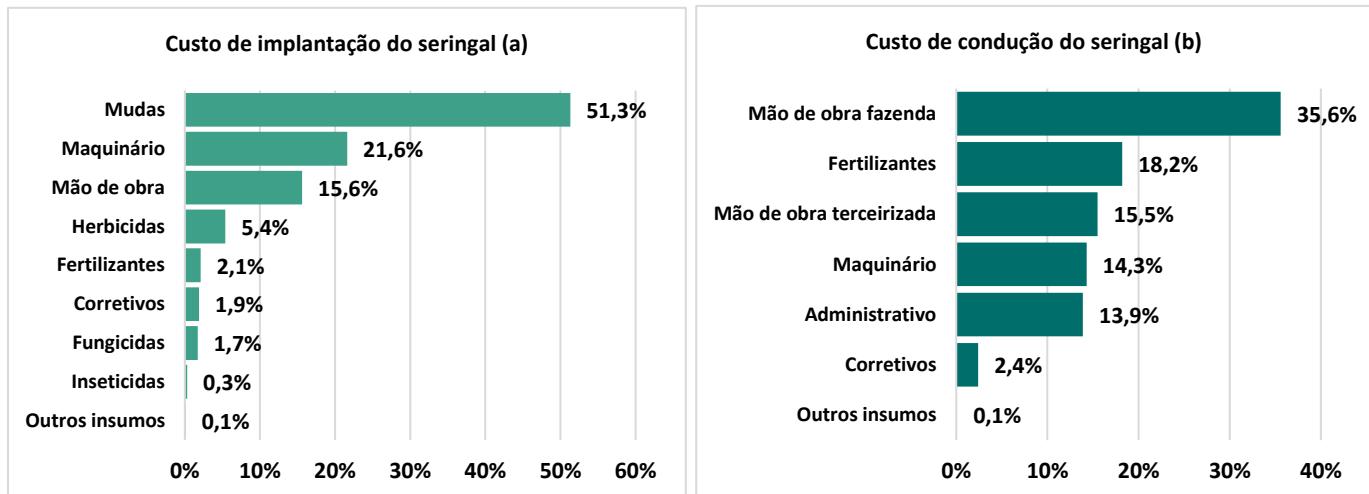
Figura 2. Participação de cada item no Custo Operacional Total (COT) da heveicultura, em Tupã, em 2024.



Fonte: CNA. Elaboração: FAESP/Departamento Econômico.

Analizando apenas o custo de implantação do seringal, que compõe o COT, mas não o COE, dado que o COE compreende apenas os custos renováveis, tem-se que as mudas, o maquinário e mão de obra são os principais componentes do custo, participando com 51,3%, 21,6% e 15,6%, nessa ordem. Herbicidas, fertilizantes, corretivos, fungicidas, inseticidas e outros insumos representam apenas 11,5% do total (figura 3-a). Em termos de custo de condução do seringal, a mão de obra da fazenda se configura a maior despesa, de cerca de 35,6% do total. Em seguida, tem-se os fertilizantes (18,2%), mão de obra terceirizada (15,5%), maquinário (14,3%), despesas administrativas (13,9%), corretivos (2,4%) e outros insumos (0,1%) (figura 3-b).

Figura 3. Participação dos componentes do custo de implantação do seringal (a) e do custo de condução do seringal (b), na propriedade modal de Tupã, em 2024.



Fonte: CNA. Elaboração: FAESP/Departamento Econômico.

Dante do exposto, ficam evidentes as dificuldades enfrentadas pelo heveicultor paulista da região de Tupã. Além dos custos elevados da atividade, os preços reduzidos têm contribuído fortemente para a descapitalização do produtor, que opera com margens negativas e retorno financeiro incapaz de cobrir até mesmo as despesas de renovação do ciclo. Assim, esses resultados sinalizam a necessidade de melhorias no uso dos fatores de produção, bem como de apoio do governo à heveicultura paulista, sobretudo ao se considerar o longo período de preços de comercialização reduzidos enfrentados pelo setor.

